

# *livre, enfim*



*carlos rodrigues brandão*  
*as palavras*

*suely lima*  
*as imagens*

## ***Escrito entre as Nuvens***



### ***As únicas coisas eternas são as nuvens.***

*Mario Quintana*

*Desde os “anos sessenta” até quase agora livros meus foram publicados por diferentes editoras.*

*Seis décadas em que eu vivi a ventura de ver os meus livros sendo publicados “em papel”. Agora os tempos são outros, e também os recursos de leitura.*

*Resolvi então que a maior parte dos meus escritos recentes, e alguns de anos passados, deverão ser “atirados entre as nuvens”. Assim, de uma forma livre e gratuita, quem os queira ver ou ler poderá ter acesso a eles.*

*Lembro o site: [www.apartilhadavida.com.br](http://www.apartilhadavida.com.br), onde boa parte do que escrevi ao longo da minha vida pode ser livre e solidariamente encontrado, acessado e compartilhado.*

*Este livro foi editado pela Paladar Cultural, na série Arandurá, em 2021.*

## *porque assim*

Este é um livro com poemas já não mais da maturidade, mas aurora da velhice. Escritos do começo do final de meus tempos. Alguns iniciados entre os meus anos setenta. Outros depois de quando cheguei aos oitenta anos.

Mas não é sobre este inevitável passar do tempo que escrevo aqui. Escrevo por um outro motivo. Como um escrito também de poesias, vivo uma estranha e provavelmente rara experiência. Meus escritos são praticamente todos, peregrinos, viajantes, errantes. Sentidos, pensados e escritos fora e não raro bem longe de casa. Talvez por isto, ao final de alguns deles, ou de uma sequência de poemas, eu escreva a data, ou pelo menos o ano, e o lugar. Entre tantos, mal consigo contar um ou dois escritos em minha casa, o lugar onde vivo, e desde anos e anos estou sempre partindo, e sempre voltando.

Assim, como os escritos de outros livros de poesia, eles são também, cada um a seu modo “poemas peregrinos”.

*Rosa dos Ventos  
Caldas - Sul de Minas  
Abril de 2020*

*livre , enfim  
seis momentos*

*a um morto, amigo*

*Vai-se falar de um homem; de cuja morte,  
portanto.*

*João Guimarães Rosa - Tutaméia*

*um*

Sob a terra  
teu corpo agora, além da morte  
espera, após o podre, a alvura.  
Serão os ossos, alvos como a alma?  
Dormes, E se acordas, é aonde?  
Agora, aí, no silêncio após o rito  
és quem? Ainda existes?  
E então flutuas livre do peso  
do horário e da festa de fim-de-ano.  
Nasces de novo? Então, o quê?  
Que ser és, e quem te aguarda:  
um deus, um povo, o corpo  
de um outro? Ou apenas o vago nada  
de quem se acaba? E livre de ser,  
agora vive em paz!

*dois*

Alma, espírito, ser algum  
que de ti emanava e não se via  
como um vento, uma luz azul  
atrás de uma nuvem fugidia.  
Nada de ti me veio ou está aqui.  
Assim, apenas o teu vulto, o rosto  
que, enquanto velo, eu recordo, amigo.  
E na memória vives além da imagem  
além da palavra, além da hora.  
E em mim estás e vais comigo  
antes, como agora.

*três*

Como um vulto vinhas, como um vulto,  
e não como a luz, a branca iluminura  
que se espera, vistam quem se foi  
e visitem quem se ilude, e é vivo.  
Se vinhas, creio, era como o vento,  
como um leve fluir do tempo,  
uma aragem que mal o capim move  
o ar que era calmo, e é movente.  
Um pássaro piou. Será teu canto?  
Ali estás, e além da fala  
como o silêncio me falas.  
Como encanto.

### *quatro*

Sob a terra, ali, onde sequer a chuva chega,  
desarmado do que é para a vida,  
imóvel, no entanto navegas.  
E algo em ti que não a alma  
mas um gesto que te sobra, navegante,  
hasteia a vela. E partes por um mar sem porto.  
No convés da nave de ti mesmo  
olhas ao longe, e sabes que sem rumo e horizonte  
vais enfim, viajero, livre como um morto.

### *cinco*

Todos, menos tu, amigo morto  
contemplam as flores cor de vida e vento  
que, entanto, atiram sobre o barco em que te vais,  
antes que sobre essa casa sem portas atirem terra.  
Estás em paz, nem sequer te preocupa  
uma pequena mancha na manga da roupa que te veste.  
Serenos, mais do que um monge zen  
agora sabes que o nada há, e é o supremo bem  
que espera quem parte do que os vivos chamam vida,  
e é como a chama de uma vela branca  
que para clarear a sala, se esvai, e se acaba.

*seis*

Serena é a noite, e clara.  
E só a voz do vento é, aqui, quem fala.  
E a noite inteira cabe no colo amigo  
que em ti dorme e sonha a noite.  
A serena noite eterna que te embala.

*Epílogo*

*Não me preparo para a morte.  
Conheço o princípio das coisas,  
O fim é uma superfície onde viaja  
O invasor de minha sombra  
Eu não conheço as sombras.  
Salvatore Quasimodo*

*Lujan, na Argentina  
Dias de 2018*

*eu, peregrinus*

Vinha pela noite. Mal  
sobre a areia da estrada  
marcava os passos. Peregrino  
da viagem derradeira  
nem bastão trazia,  
nem o vinho e nem a vieira.  
O silêncio que da noite era  
veio como quem com o vento  
se declara e se anuncia  
E era o seu, como um degredo.  
Nem algo de fé ele não tinha.  
Não parecia orar e nem pedia  
a deus ou a um anjo a fé e o pão.  
Se há deus é segredo, e assim andava  
E se alguém perguntasse, respondia:  
“creio na estrada, e é ela eterna.  
Meu terço é meu andar, e vou sem pressa,  
e peregrinar sem fim é minha prece”.



*ali, naquela pedra sobre o mar*

A parte da pedra aponta  
o mar adentro, o imenso.  
E a as ondas varrem na pedra  
os séculos das sobras dos milênios.  
E mar adentro eu, menino, nadava  
e nas ondas ia, e sem o medo.  
O mar imenso. O mar. O mar!  
Minha casa de terra pelo avesso.  
Quando eu morrer, se a alma há,  
que nessas pedras ela venha me buscar  
E como as ondas, que de novo o fim  
seja o começo...

*quando em Ons*

Quando em Ons, na Galícia,  
a noite escura como da cabra o pelo  
é fria, pois em dezembro não há estrelas.  
Caminho e estou só, e ouço passos  
que são os meus e o eco me devolve.  
Que de um Carvalho uma voz viesse  
e então murmurasse: “sou eu, aqui!”  
E eu saberia que uma outra vida há.  
Então há deus, quem seja, e move a vida.  
E do mito da caverna em sairia  
e diria à noite um “ah!”,  
e um poema, uma prece.  
E no mais escuro da noite de dezembro  
descobriria que tudo é a luz,  
e é no escuro que a vida resplandece.

*ao ir-se embora*

Longe da cachoeira e sua festa  
aqui, no remanso, o rio Soberbo  
apenas murmura. Um ruído murcho  
que uma folha caída mal abafa.  
É no silêncio que mais corre o rio  
e é quando fala ali o seu sonoro som de falta.  
Ele flui, um rio como um morto se navega,  
e quem olha com a alma verá a vela  
que o rio hasteia no barco de seu corpo  
ao ir-se embora entre as águas de onde veio.

*Rosa dos Ventos  
Caldas*



*exercícios de contemplação com palavras*  
*sobre uma lua cheia que ora sumia atrás das nuvens*  
*e ora aparecia no alto céu*

*um*

Lentas as nuvens escondiam  
o que da noite parecia o dia.  
Lentas as nuvens ocultavam  
o rosto de luz da lua amiga.  
E entre o surgir e o se esconder,  
(como a mulher que à noite é bruxa  
e ao dia voa e é fada)  
é a lua mesma quem semelha que viaja  
como um barco de velha vela antiga.  
E o céu ora escuro e ora claro  
onde tudo parece adormecido  
assiste ao lento viajar da lua.  
Lua de prata. Clara lua. Lua vaga.

*dois*

Lua, vaga, vagarosa lua luminosa  
a sua viagem de prata o céu colore.  
Luminosa lua viajando no céu claro  
que em seu vagar devagar o céu clareia  
quando as mais de mil e mil estrelas  
apagam a luz de suas velas  
entre o ouro, a prata e a cor do cobre,  
para luzir na noite deste outubro  
somente a clara luz da Lua Cheia.

### *três*

Clara, a clara lua se ilumina  
e de branco colorida tece a manta  
que entre o grão do sal do mar  
e a mandioca (quando dela  
é a farinha só o que resta)  
cobre o corpo da rara prata fina  
da lua e do luar de sua festa.

E de branco e de amarelo  
fiada, tecida e revestida a lua  
com a luz do sol que ela reflete,  
é de ouro e brilha a sua veste  
de luz com que ela toda se tatua,  
e depois de plena luz se acende  
e de luz se cobre e se reveste.

### *quatro*

Vagante, a lua se viaja  
e a noite sopra e assopra  
o vento norte que lhe move  
a sua vela de errante e de veleiro.  
Ah! barca-lua que pela noite afora  
vaga e navega entre as estrelas  
que o céu semeia de dia, e rega e cuida,  
e à noite colhe e acende em seu canteiro.

*cinco*

A manhã de outubro se demora  
a clarear com o sol um outro dia,  
e o mar, e o céu do chão da terra  
e mais tudo o que houve e há, e havia.  
Tudo pinta de luz como se a aurora,  
para que a Lua Cheia brilhe ainda  
um pouco mais na noite que adormece  
sobre o veludo que a luz clara tece e fia.

*seis*

A noite veio, veja,  
no vento de maio  
com o seu escuro frio.  
Clara navegava a lua  
o seu veleiro vago  
como se a noite fosse  
no outono um lago.  
Como se o céu de outubro  
fosse um rio.

*sete*

À noite  
a lua acende  
a sua vela  
e, veleiro,  
viaja o mar do Norte  
banhando de luz  
o mundo e a terra  
e tudo o que antes  
fora escuro nela.

*oito*

Apaga a luz da lua  
a das estrelas  
da estrada do céu  
por onde vaga, vã.  
E ela clareia o céu  
e a terra inteira  
no oratório de velas  
de seu barco errante.  
Até quando a manhã  
acorda o sol, o amante  
que abraça a lua  
e se clareia da luz  
que ela doa de seu corpo  
quando adormece... nua.

*nove*

Estala como um raio  
a luz da lua  
quando sai de trás  
da novem escura  
cercada do rosário  
das estrelas.

E o céu inteiro ela clareia  
a clara lua de outubro  
com a luz que é da noite  
e é toda sua  
enquanto o dia tarda  
e a noite dura.

*dez*

Abro a janela  
e olho, vejo e espio  
e quero vê-las  
na noite escura  
a lua clara  
e as mil estrelas

*onze*

Vela, veleiro,  
a branca lua  
se hasteia no mastro  
do céu claro.

E o céu todo navega  
e se clareia  
e se faz belo,  
e de tão claro,  
se faz raro.

*doze*

A chama de uma vela  
e o seu luzeiro  
acendem a lua  
com cores entre  
a prata e o amarela  
ou o laranja-azul  
do fogo da fogueira.

E a noite de claro se clareia  
com a luz da lua.  
A luz que é toda dela  
e se você a contempla...  
é toda sua.

*Buenos Aires.  
Maio de 2015*



*sobre pequenos voos*

*um*

Não te espantes  
quando te toca a alma  
um colibri.  
Há seres tão calma,  
tão leves, tão breves  
que do vento apenas  
precisam para existir.

*dois*

O que espera a flor  
que sob o sol  
e o seu calor  
floresce aqui?  
O sol, o vento,  
a chuva, a abelha  
ou o colibri?

*três*

Ouve o silêncio!  
Ele fala  
com a voz mínima  
de um colibri.  
Cala o que dizes  
e ouvindo o seu canto  
saberás que ele canta  
dentro de ti.

*se*

se silencias  
por um segundo  
o rol das palavras  
que te pensam,  
verás no silêncio  
que te cala  
o lugar onde estás  
quando te sentes.

*uma viagem de Cali a Popayan  
em noite de chuva*

Uma gota de chuva  
molhou a minha calça.  
Ela era uma menina  
que do céu desceu descalça.

*Popayan  
Entre 7 e 13 de outubro de 2019*



### *Na montanha, o silêncio*

Na montanha, lá.  
Depois de entre cordas  
e sobre pedras subir:  
o silêncio.  
Ali nem o vento sopra  
a sua flauta de prata.  
Então se ouve o som da pedra  
E a pura pedra sussurra o seu dizer:  
a palavra nenhuma.  
E eu colo na pedra o ouvido  
e o som do nada me diz tudo.

### *Subindo o "El Capitán"<sup>1</sup>*

Sozinho,  
o corpo colado à pedra  
as mãos cobertas de um pó branco<sup>2</sup>.  
Cada movimento te leva até mais alto  
e cada momento pode ser o último.  
Lento, passo a passo escalas  
a parede que te irmana  
ao medo e ao mundo.  
E a ave que voa sem temor  
te vê, e do alto te inveja.

---

**1.** Montanha nos EUA, com um paredão considerado o mais alto a prumo. Dificílima escalada. Faz pouco tempo um jovem ousou uma perigosa "escalada solo".

**2.** Pó branco de magnésio que os escaladores levam em um saco aberto, pendurado no cinto, para deixar as mãos o mais secas possível.

## *Aqui*

Aqui, entre ruínas  
procuro o que seja  
um sinal. Um pássaro,  
um adereço azul cobalto  
como os que usam as mulheres  
ao redor do tornozelo.  
Uma concha do mar eu busco,  
o seu tempo e o seu limar a areia.  
E a mala por fazer, o seu destino  
de gaveta aberta da memória.  
E mais o refrão e o desmazelo  
do que sobrou e caberia inteiro  
nos bolsos de uma calça gasta, no andar  
de um velho, na cor castanha da bengala,  
ou num poema que não sei, mas imagino.  
Eu busco um ar do vento. O vento.  
Alguma coisa vã com que eu me livre  
do sal da vida, do ardor do amor  
e do mal de haver o pensamento.

*Rio de Janeiro  
Julho 2019*

*eu, peregrinus*  
(dois)

Sempre é indo.  
Sempre é assim, esse caminho  
e andar é infindo  
Casa é o lugar onde acaso  
alguém de longe  
de longe se vem vindo.  
Estranha é a estrada  
e o meu além destino  
começa lá onde eu era  
e fui acaso um dia.  
E ela acaba depois  
na encruzilhada  
entre agora e a primavera.  
E o que esqueço ao andar  
é o que imagino  
haver ali, além de onde  
a trilha da vida se termina.

*Rio de Janeiro*  
*julho de 2019*

## *três movimentos*

### *1. pousar num galho*

O momento.  
Aquele em que a ave  
para o voo e paira  
antes de pousar.  
Assim somos,  
e é nossa a hora  
em que paramos  
entre o voo  
e o estar.

### *2. cair no chão*

Quando seca  
a folha cai.  
E por um instante  
ela é um deus  
que vem, voa  
e vai.

3.  
*“encaixotar” na onda*<sup>3</sup>

Quando no mar  
a onda quebrada  
me pegava  
e afundava o corpo  
sobre a areia,  
por um momento  
entre o mar e o vento  
eu me plainava  
e fluía como se ave,  
antes de mergulhar.  
Como a chama acesa  
e apagada na candeia.

---

<sup>3</sup> Muito antes do surfe, nas praias do Rio de Janeiro, com o corpo colado sobre pequeninas “tábuas de jacaré”, descíamos sobre e dentro de ondas. Às vezes “tomávamos jacaré” apenas com o corpo livre na onda que nos levava da “arrebentação”, onde elas sobem e começam a descer em direção à areia da praia, onde “morrem”. Quando nos encaixávamos bem na onda, era maravilha! Mas quando a onda “quebrava” de repente, ao invés de “deslizar”, ela nos tomava por inteiro, e então, envolvidos nela e por ela dominados, íamos em trambolhões aquáticos até onde ela nos deixava, entre tontos e às vezes apenas levemente machucados. O segredo então era não lutar contra a onda. “Fazer corpo mole” e deixar que elas nos levassem ao seu gosto.



*variações sobre  
"viajante que a Roma chegas  
e em Roma Roma não encontras<sup>4</sup>"*

Aqui é o Rio que é meu.  
E onde o Rio está que não encontro?  
Aqui o Rio: o nome, a era, as ruas  
e mais o mar. O meu mar. O mar imenso.  
E havia montes onde o Rio havia  
e em alguns deles eu subia e ali dormia.  
Onde o Rio que era meu? Em que história?  
Livro no sebo? Bar? Em qual esquina?  
Onde o Rio? Na sombra de que árvore?  
Dentro do ninho de qual ave?  
Em uma asa de anjo o Rio havia?  
Na lua que reflete o meu rosto  
na água parada da sarjeta?  
Agora tudo é longe e não há trem.  
Tudo é sempre como um velho. Como um bonde.  
O Rio que há como um rio que me fugia...  
Cheguei e não. Não vim. Havia? E agora  
aqui é o Rio a que vim, e foi embora.

---

<sup>4</sup>. *Buscas en Roma a Roma, ¡oh, peregrino! Y en Roma misma a Roma no la hallas/  
Cadáver son las que ostentó murallas/ Y tumba de sí propio el Aventino./ Yace donde  
reinaba el Palatino/ Y limadas del tiempo, las medallas/ Más se muestran destrozo a  
las batallas/ De las edades que blasón latino/Sólo el Tibre quedó, cuya corriente/ Si  
ciudad la regó, ya, sepultura/ La llora con funesto son doliente./ ¡Oh, Roma!, en tu  
grandeza/ En tu hermosura/ Huyó lo que era firme y solamente/ Lo fugitivo  
permanece y dura.*

Francisco de Quevedo. Alguns consideram um dos mais belos e perfeitos sonetos jamais escritos.

### *não te espante*

Não te espantes  
se o que acaso ocorre  
tão além de quando um raio  
clareia de luz um lugar longe  
e viaja o horizonte como um rio de fogo  
desde onde, lento, chegará o trovão.  
Assim também é a vida, a tua.  
E o que como um raio vês  
será em ti depois, num dia novo  
a sonora surpresa da emoção.

### *Sempre*

Sempre é chegar.  
Sempre é quando alguém abre uma porta  
e te abraça, e te acolhe.  
E te guarda a capa e o guarda-chuva.  
Com os sapatos molhados e com lama  
entras na casa e te desculpas.  
E alguém que mal conheces sorri  
e tira da trempe a sopa que te espera.  
Assim teus dias foram. Assim são.  
Assim chegas acaso até onde não te esperam  
e uma outra porta se abre, e é sempre agora.  
E chegas, e entras. E então...

## *Negro, o nada*

Amei o escuro. A luz nenhuma.  
O negror depois do negro  
A clara cor do negrume.  
O olhar e ver o nada e nada ver,  
e adivinhar o que ali está, então.  
O estar sem o saber do ver:  
O valor-zero do ser.  
O nada, o solo sem o chão.  
O que não é e acontece  
quando nada parece acontecer.

## *uma onda, outra*

Uma onde é única.  
E as outras são todas,  
uma onda que uma a uma  
no alto mar renasce,  
ali, onde o mar se alteia  
e no mar navega a onda até onde  
na areia as ondas se terminam  
no mesmo porto cada uma chega.  
E o que foi a onda é agora espuma.  
E cada onda é uma e é a mesma.  
A mesma onda que em cada uma,  
eterna, no alto mar veleja.

*San José da Costa Rica  
Julho, 2019*

*poemas de Santa Maria*

*que de tão breve*

De teu pranto  
uma gota cai  
e é meu espanto  
que tão breve  
quanto longa  
é a tua dor,  
depressa  
ao vento  
ela se esvai.

Choras, e no entanto  
como quando finda  
na ampulheta a areia  
veste o seu manto  
a noite, como a ave  
que as asas negras abre  
e quando sobre ti pousa  
ela, a noite, toda se clareia.

*o traço efêmero*

Aqui, na areia da praia  
que foi minha  
diante do mar imenso  
um vento súbito, uma rajada  
desenha o traço efêmero  
de uma inesperada geometria.  
Traça ali um breve teorema  
que a onda, finda, apaga  
antes que os teus passos de menina  
passem por sobre a fina linha  
que some sob o fio da onda  
da água do mar, azul e fria.

*Rômulo, voando*

*1*

Quanto menos queria  
mais nasciam asas,  
e então voava  
quando não queria  
por um ar que eram seus anelos  
entre copas de árvores e a ventania.  
E era, entanto, menos do que ave,  
Como um Ícaro, nascido no cerrado.  
Do alto via o que do alto olhava  
e do que na terra houve ele esquecia.  
Voava então quando dançava  
e se sonhava rara arara  
como quem que voando  
de dentro de seu sonho  
sertão adentro  
cerratense se sonhava<sup>5</sup>.

*Rômulo voando*

*2*

Eu queria que você contasse  
o ontem eu contava, e esquecia.  
e me fugia, como o que eu lembrava  
criava asas e de mim se ia.  
como o que foi meu e era eu  
de mim se livrasse e, livre, ia.  
e de mim, esquecido perguntava.  
“quem era aquele que eu fui  
e não havia?”

---

<sup>5</sup> “Cerratense” é um qualificador de quem nasceu e/ou vive no Cerrado. Como o “Sertanejo” no sertão. Apenas a palavra “cerratense” é bem mais nova e pouco usada. Até hoje não sei se ela já existia, ou se foi inventada por Rômulo. Notável artista cerratense.

*o dia, o dia*

Me dá na boca  
essa gota de nada  
enquanto eu sinto  
no corpo que me acaba  
essa febre que se esfria  
sob a mão da alma.

velo, e a noite vaga  
como nau sem rumo  
sobre a seda de um mar  
entre a fúria e a calma  
que apenas se move  
quando a onda finda  
quando a noite é dia.  
quando a noite é dia!

## *Verde*

verde, cor do capim nada poético  
entre dezembro e abril  
eu via nos olhos de um mendigo.  
um raro verde entre os olhos de um velho.  
Quem diria? Ali!? Que desperdício.  
E quase não lia nada. semi-iletrado  
os olhos cansados mal não liam  
o outro verde vertido num escrito.  
Mal via as letras e mesmo a folha.  
Embaçava os símbolos, a palavra  
que a ele nada não dizia.  
e, sábio, aprendeu nela a ler  
o que na folha escrita não havia.

## *a ponte sobre o rio*

Uma ponte havia ali  
e era de madeiras  
e tamborilava como orquestra  
quando um cavalo por ali se ia.  
Nunca mais fui lá – Itatiaia.  
Mas em mim o tambor da ponte  
ainda soa, ainda tamborila.



### *ir para a morte*

É um fim de tarde  
(assim parece a quem de longe espia)  
e por uma trilha vinha  
quem para a morte vagava e lá se ia.  
E lento andava como sem pressa alguma  
e evitava tropeçar nas pedras do caminho.  
E ele dava numa estrada de cor negra  
que o negro de sua cor longe estendia.  
E ele andava como quem indo, vinha  
e ali chegou quando a tarde de noite se vestia.

E por ali foi quando não era já a tarde  
e nem a noite era inteira a noite ainda.  
E agora, sem temor de cair ele caminhava  
sabendo e sem saber de onde veio  
para onde andava e porque partia.

Ao longe a estrada escura escurecia  
e foi quando sem olhar o chão ele sentiu  
que a estrada que havia, não havia.  
Caminhava sem rumo; sem destino?  
como quem vai sobre um negro disco  
de negrume inteiro feito e sem limite  
sem norte ou sul, sem mesmo serventia  
a não ser estar ali, sem fim. E ele sentiu  
que ao caminhar o próprio chão já não havia.

E sem nada sobre o que andar ele seguia  
agora sem rumo, sem hora e sem caminho  
solto no ar do nada, solto como o vento  
ou como quem sem asas voa, voa!  
Até quando no ir ele se foi: sumiu  
e, livre enfim de tão ser nada  
e no que em seu nada-ser, agora era  
o que depois de não-ser, ainda existia.

*Santa Maria, no Rio Grande do Sul  
Em 2019*

*três imagens de Armando*<sup>6</sup>

*a primeira*

Outros escrevem ideias com palavras.  
Deslizam sobre o chão da folha branca  
a cor negra do “a” a “z” escrita a tinta.  
Ou tocam, como no piano, a harmonia das teclas  
que sobre a pauta da folha compõem, suaves,  
o linha-a-linha da sonata do poema.  
Armando não. Com macete e ponteiro  
ele esculpe e arranca a golpes cada letra  
e volta-e-meia na pedra-poema dá porrada!  
Entre o arquiteto e o escultor, poeta,  
ele desenha o que pensa e grafa palavras  
uma a uma. E depois sopra da pedra da poesia  
o que é ideia vã, história fofa ou narrativa.  
E como a planta, a pedra ou a pintura  
no seu poema primeiro se vê, e só depois se lê  
o que ele arrancou no papel da pedra dura.

---

<sup>6</sup> Amigo meu no colégio. Aprendi muito do poetar com ele. Outro dia no Rio de Janeiro estive com ele. Conversamos sobre os velhos tempos. Na saída ele me deu uma sacola com livros dele. Apendia com ele. Sigo aprendendo.

*a segunda*

Armando de Freitas Gutemberg!  
Ele escreve de pé. E entre a máquina  
e a caixa de mil tipos de metal escuro  
ele escolhe cada um, e com as mãos e a mente  
o aquece no carvão por um momento,  
e as coloca lado-a-lado, lentamente,  
como se cada linha de letras alinhadas  
fosse o fim-de-linha do poema.  
Mesmo a palavra “mar”, azul, pequenina  
e semovente, ele compõe com cada letra,  
enquanto pensa: o “m”, o “a”, o “r”,  
que eu não erre!” E segue em frente.  
E cada palavra, pequena arquitetura,  
se alinha a outras no fio de cada linha  
até quando pronta a página-poesia  
ele coloca o tipo-ponto (.) e então imprime.

*a terceira*

Aqui nada é ao léu! O que se lê  
fere, se lido sem o cuidado-detetive  
de quem se arma para ler a poesia.  
Há aqui palavras que dizem, cada uma  
tudo o que dizem as outras, quando alinham  
em cada qual o segredo do poema inteiro,  
como a prece, ou o como o mantra  
que se diz de uma vez “de cabo a rabo”.  
Escultor da palavra-verbo, quando em verso,  
o poema de Armando não se dá em “belas frases”,  
dessas que a moça arranca da poesia  
e depressa envia: mensagem de “bom dia”  
a mil amigas armadas do “WhatsApp”.  
Armando é áspero, e nele a poesia-arquitetura  
resiste ao face-book e ao almanaque.  
Seu poema não se parte em “frases feitas”,  
Fera que mesmo na jaula da linha não se doma!  
E tudo é um todo tão só de tão inteiro  
que se alguém dele tira uma palavra  
sobre quem lê o poema desmorona!

*Rosa dos Ventos*

*Verão de 2019*

*(enquanto leio, ao mesmo tempo: Raro Mar e Máquina de Escrever)*

*a clara lua e Clara*

Clara a lua  
clareava de luz  
o teu cabelo, Clara.  
E o colorido  
do clarão da noite  
brilhava no teu rosto divertido,  
e nos teus olhos, Clara,  
cor de ouro, cor de prata.

E era coisa rara, Clara,  
porque não é o azul  
dos olhos quem clareia,  
a vela acesa desta noite clara.  
É a tua luz de lua acesa, Clara.  
É a tua suave luz cor de prata.

E é tão clara, Clara,  
a luz que de ti sai agora,  
que tudo clareia  
á tua volta, Clara.

## *três poemas sobre o mar*

### *e agora longe, quando eu me vou<sup>7</sup>*

Amei o mar.  
Foi quando era menino  
e molhava os pés na água, era anjo  
e voava sobre Copacabana  
carregando uma estrela em cada asa.  
Gostava de andar pelas areias,  
ali onde a onda se termina  
e desenha na praia o meu destino.  
O mar não era mau nem inimigo  
e morrer nele era morar em outra casa.  
E agora, longe, quando eu me vou  
por caminhos onde há vales e veredas  
é o mar que amei quem vai comigo.

### *tudo o que vem se move*

Agora cada vez me vem o mar.  
Guardador de outonos, eu me espanto  
de olhar para trás e me ver vindo.  
Era ontem um tempo inacabado  
e então eu relembro quando é noite  
e do alto do céu Órion me fala:  
*é noite ainda, e era noite outrora.*  
Venho de um tempo quando eu era vento  
e viajava em maio de um país a outro.  
E hoje, quando há vento, do alto deste nome  
vejo que a noite, o tempo, o mar e o vento  
tudo o que vem se movera.  
e como o vento passa... e vai embora.

---

<sup>7</sup> Estes poemas sobre o mar (sobretudo o de Copacabana, de minha infância) foram musicados pelo amigo, educador e músico Paulo Padilha. Estão em seu CD – *Velho Amigo*.

*uma ilha-barco aporta para sempre*

Uma ilha como um navio ancora aqui.  
Derruba velas e pede a paz ao vento.  
Deixa que a areia banhe a sua proa,  
brinca de ser porto quem foi trilha  
e acolhe nos seus mastros as gaivotas.

Uma ilha-barco aporta para sempre  
e se cobre de ninhos e paineiras  
e de mangues e de praias, de capelas  
e de festas de santos padroeiros.  
Uma ilha é um navio que não navega  
e a cada dia acolhe um navegante.

*na Ilha de Santa Catarina*

*(cercado de mar por todos os lados)*

*três nordestinos, um goiano*

*Lula*

Livre estás,  
mais do que antes,  
agora.  
Porque mesmo  
entre grades  
voas livre e viajas  
no coração  
de quem  
vai contigo...  
vida afora!

*Paulo Freire*

A barba branca aveludada,  
a pausada fala mansa  
de quem escuta e então fala  
o que de um outro ele ouvia  
quando, ensinando, aprendia.

E os gestos das mãos  
tão largos como em festa  
volteiam sobre quem esquece  
como bandeira de guia.  
E a sua palavra de então  
chamava pra rua e a luta  
quem sua fala calava.  
Quem a coragem perdia.  
Quem suas mãos abaixava.  
Quem seu chamado esquecia!



### *Augusto Boal*

Se a história humana se repete  
- como Marx disse e escreveu -  
“uma vez como tragédia  
e a outra vez como farsa”,  
por que não colocar em cena  
o que hoje acontece, e aconteceu  
como a tragédia que o povo vive  
sob a farsa de quem pode e manda  
sobre a vida de quem trabalha e pena?

Para que não suba ao palco  
quem a cada dia reinventa  
a mentira da peça de um mundo  
vivido entre o falso e o fingido,  
por que não desvelar a vida  
e fazer com que o povo  
na praça da história encene  
o brado do Teatro do Oprimido?

### *Tomás Balduino*

O sorriso amplo, quase profano  
traí no rosto do homem que, entanto, é bispo  
e esconde no hábito negro do ofício  
um alguém vestido como se pra festa ou a luta.  
A cabeça brilha como a se uma luz calma  
em um lago do Araguaia em paz  
pousasse ali no começo da manhã de março.  
E os cabelos, ralos, são dois leves maços  
de um trigo entre o grãos e a flor dourada.  
Sorri manso como quem consagra à mesa.  
ao redor do café e um pão de queijo  
o corpo e o sangue de um Cristo que apregoa  
entre palavras de cruz, a foice e a enxada.

*voltando da Cidade de Goiás  
e da “Semana Dom Tomás Balduino”*

*quem pela estrada vinha*

Era um tempo quando fui agora  
E que quando eu caminhava havia  
Em cada curva da estrada uma estrada inteira  
E na sua beira uma árvore encantada, creio.  
Quem pela estrada vinha e nela andava  
E cansado de andar pousava o corpo  
Sob a sombra da árvore, e repousava  
Sob a sombra da árvore adormecia  
E sob a sombra da árvore se assombrava.

*Algumas velhas, alguns fios*

Era o tempo do ouro. Era novembro.  
Algumas folhas secas o vento esparramava  
entre ruas sem nome e o fundo de quintais.  
De onde vinha a noite algumas velhas  
à luz da vela uma toalha entreteciam.  
Eram de rugas as mãos, cabelos prata,  
e os olhos pequenos o que eles viam?  
As bocas sem dentes mal sorriam,  
e se elas se olhavam, não falavam  
empenhadas em tecer o que teciam.

Um suave tremor nos campos musicava  
o que não sei se é pranto, salmodia,  
ou fim de festa, baile ou batizado  
entre pão-de-mel, tapioca e vinho tinto  
que na dispensa guardavam e não bebiam.  
Mas era delas que os traços do bordado  
de sete cores e mil pontos de arte-e-linha  
palmo a palmo sobre o pano aconteciam.

*sobraram horas*

Sobraram horas, esperei por dias.  
Luas de setembro, um sol de serra.  
Cavalo que eu não tinha, selei embora  
e viajei sertões, acendi fogos.  
Do que as estrelas dizem aprendi pouco  
e sobrei de ser quem fora outrora.

Grandes foram os teus dias?  
Grandes as horas? Longas  
e como um barco ao vento, navegas?  
Do que passou resta este livro  
por mesmo ti esquecido na estante  
a roer-se de dor até estar branco.  
Do que dele se apaga ao fim da noite  
uma palavra sobra, e se não sabes,  
quase ilegível ainda se lê: aurora.



*caminho?*

Eu caminhava um caminho  
que ia ao lado de um rio,  
E quando foi de repente  
virei uma curva, duas...  
e vi que o caminho sumiu  
porque o rio que havia ao lado  
todo o caminho engoliu.

Parei e olhei quatro vezes  
e quando vi o que via  
vi que o rio se terminava,  
vi que o rio se consumiu.

E em cima do leito seco  
ao lado de onde eu andei  
havia um eu que pensava:  
havia mesmo um caminho?  
havia ao seu lado um rio?  
Ou será que nada havia?  
O rio que era, era um sonho,  
o caminho nunca houve  
e nem quem andava existiu?

*Cidade de Goiás  
quando?*

*poemas de vocação haikai ou tanka  
a respeito da morte e do morrer*

Quando for a hora  
e te fores,  
lembra-te que é melhor  
se entre as flores.

Porque partiu  
se é cedo ainda?  
Se de cor cobria a tela  
e tinha as mãos  
sujas de tinta?<sup>8</sup>

Gota d'água de abril  
o que fez você cair  
aqui?

---

<sup>8</sup>*Rubens Gershman, um amigo de escola. Pintor e gravurista notável; morto cedo.*

Sombra,  
quem te aclara  
quando o dia acaba?

Na poeira  
veio com o vento  
a folha seca da figueira.

Saudade é isto?  
Ficou em mim até agora  
quem veio ontem...  
e foi embora.

Cai a noite agora.  
Apaga a luz da flor  
um pé de ipê rosa.

Vê! Assiste!  
No fim do inverno  
a folha seca  
é só o que existe.

Aqui neste jardim  
secaram séculos  
de folhas mortas.  
Mas se elas estão aqui...  
estarão mortas?

Morreu. Morreu  
e foi-se embora.  
E quando morto  
viu que a eternidade  
é o agora.

Morei numa casa  
e fui embora.  
Hoje, por onde eu ando  
carrego comigo  
a casa onde morei  
outrora.

A vida ainda,  
ou já o fim?  
Se morre a flor  
para haver o fruto  
o que haverá de mim  
quando eu me for?

*Rosa dos Ventos  
último dia da Primavera  
no ano de 2017*

## *Poemas escritos em Vitória*

### *Heráclito*

Haverá o escuro.  
no negro puro  
o carvão da sobra da fogueira  
a asa do anu-preto  
a veste do padre frente ao papa  
a escuridão sem a ponta do alfinete  
que vá do negro ao cinza e dele ao branco.  
Será como um túnel não menos escuro  
do que a noite fora, negra como um não.  
escura como um poço fundo sem o fundo.  
E ao olho de quem caminha sem nada ver  
do que há, porque não há  
resta a pergunta que é de Heráclito  
e vara as eras sem resposta:  
Agora é o negro e ele é tudo.  
mas haverá alguma luz no fim de tudo?

### *Zenon*

Nunca é agora. Falta sempre um passo, o  
intervalo entre antes e um segundo. O já demora.  
Ele retarda o seu andar e nunca chega. Sempre  
falta um passo aquém do último. Como a onda  
que é uma e no mar parece tantas e chega  
em cada uma e nunca acaba de chegar-se, uma.  
e demora o eterno a estar onde chegastes.  
Mas, chegastes, ou ainda falta um passo?



## *Sequência*

I.

O rio não rima com ravina e a sua sina é remar o barco que ele é e nele vai da foz ao fim quando no amaro mar azul ou no havana de sua cor, como na cor do terno de um homem morto, ele desagua, e no sal de outra água é ele e é o rio que era e não é mais, Ali, onde agora, enfim, vivo, bem mais que findo, ele abaixa a vela de seu barco e desembarca na praça do mercado de seu porto.

II.

Flor. Quem disse que vermelha você espelha o sol se pôr e, laranja e amarela é o sol no alto céu e quando azul é a cor do céu que o sol acolhe? Flor, sabes que é de ti que o sol e o céu colorem a sua cor?

### III.

Água, a minha mão molhas  
quando me envolvo em teu  
lençol e me vou como Pilatos.  
E o meu pecado é deixar-te na  
toalha. Ave de asas cor de  
nada, voas, água e sem limite  
te vejo no altar de tudo,  
enquanto a passo caminho:  
lento e mudo.

## *Argentina*

*Poemas escritos entre os Andes e Lujan*

### *I.*

Todo o dia  
a tua memória me vem.  
Tombastes, e eras sem nome.  
Nunca vi o teu rosto  
e de quem eras me contaram pouco:  
uma lembrança, um mito, um silêncio.  
Mas sei que te mataram e te fostes  
e em nome do que creio, amigo,  
caminhas ao meu lado  
e habitamos a mesma quadra do mistério  
e a mesma espera da manhã de maio.  
E isto te dá, irmão, um rosto,  
e em mim a tua face não se apaga.

## *II.*

Eram os nomes  
como se vindos de outras terras  
e ditos entre outros verbos e vogais.  
E como antes eles soavam  
como se a fala de outro tempo.  
E não havia ali quem decifrasse  
o dizer de suas vozes, suas mãos.  
Falavam gestos, gritavam frases,  
pintavam de grená e negro a pele  
e das orelhas pendiam aros de pau.  
(Por isso os nossos pensadores  
achavam que não tinham almas).

Aos brados bradavam verbos  
que em outras línguas, quando traduzidos  
queriam dizer alguma coisa como:  
“Somos os de antes, nós, os nossos deuses!”  
Quando vocês chegaram, os de longe,  
já neste chão havíamos erguido  
nossas casas com palhas e madeiras.  
Aqui semeamos nossos grãos  
e em seis luas colheremos as espigas  
que aos deuses ofertamos e comemos.  
Ainda há tempo. Há tempo ainda!  
Agora é a maré alta no mar imenso.  
Voltem ao lugar de onde vieram.  
É tempo! Há tempo ainda! Voltem!”

### *III.*

Entre os rostos pintados na parede  
O de uma mulher havia, e era jovem.  
Seu doce rosto poderia haver sido  
o de mocinha de novela antiga.  
Vestiria saia longa e sonharia em francês.  
Aos dezoito anos amaria um homem  
chamado Júlio e de barba escura.  
Foi insurgente e levantou alto o punho.  
Morreu aos dezenove anos.

*Um mural na Universidade de Cuyo, em Mendoza havia  
entre os rostos de outras jovens, o de uma suave moça*

### *IV.*

Qual dia há que não se acaba?  
Que noite há que prevalece?  
E que lua, imóvel, espera o sol?  
Plano é esse mundo ao Sul  
e apenas longa, entre névoas  
a Cordilheira adormece outubro.  
Aqui todos os rumos são um só  
e tudo é quase zen, e em silêncio  
uma metade da vida é invisível  
a quem não crê e prega que tudo acaba  
e volta à terra, ao pó e à água  
e o tempo semeia, come e rói  
o que parece pedra, alma ou neve.  
Aqui se vai até onde o mundo acaba,  
e depois de se sair de onde se é  
se volta sempre ao lugar de onde se foi.

## V.

De que dias falas, voz do acaso?  
De qual era, quando eras quem?  
Qual história narras que a memória esquece?  
De quem? Do que?  
Qual mito? Prece ou nada?  
Que mistérios por não saber decifras?  
E que palavras nos segredas entre fogos?  
De onde chegas que não há,  
pois em tuas vestes não vejo poeira alguma?  
De qual lembrança não lembras quando sonhas?  
E, se te tornas vinho, quem te fez?  
Tuas mãos que pássaros libertam?  
E que sementes semeias quando acordas?

## VI.

Dias houve em que senti na pele  
a morte de alguns outros.  
Os que mataram a golpes de silêncio  
e, agora nos gritam de onde estão.  
Outros, como quem apaga um rosto.  
E agora eles me chegam calados  
como quem esconde um corpo  
atrás da porta, senta em silêncio  
toma o seu mate e não diz: “olá!”  
E não diz nada e cala como um anjo.  
Mas aqui eles estão.  
Aqui, e cada nome é o meu  
e está com o fogo aceso escrito  
em cada lápide, em cada traço do caminho,  
ou nas areias do mar que os afogou.

## *VII.*

Era de palha o teto  
e trançado com arte, como se de índios.  
E a terra dura, era seca e áspera  
nessa paisagem erma de lonjuras.  
E, no entanto, do chão brotavam  
como em inesperada primavera  
algumas flores cor laranja e branco.

A água era pouca e um balde havia  
para as mãos, o rosto e o mate amargo.  
Na lama alguns porcos comiam restos  
e, como ratos, roíam o que havia,  
e dois cães ladravam para nada.  
Longe da ordem militar da lavoura dos ricos  
ali, entre sonhos, enxadas e estrumes  
com as mãos se cultivava o campo.  
Mãos de mulher que semeando o grão  
semeiam a mesa e a missa, a vida,  
o almoço de outros e a esperança.  
Frutos da terra que em sacolas de pano recolhem  
sem contar a quem repartem o que colhem.

*Na escola campesina em Lavalle*

### *VIII.*

Era, como o dia, claro  
e de luz vestiu o rosto.  
Os gestos calmos, esquecidos  
como quem nas mãos amassa o fumo  
do cigarro que não vai fumar.  
Acendeu no fogão a lenha e o fogo  
como se disso o sol nascesse.  
E se narrava estórias, ele dizia,  
eram só o que não lembrou de esquecer.

Com os anos curvou o poncho e o corpo  
e os olhos já não viam passarinhos.  
Ouvia ainda do rio o marulhar das águas  
como em alguma prece ou festa.  
E dos anjos conhecia a voz e o vulto.  
Mas de tudo preferia o vento. E dele dizia:  
“Aí não está não a voz de deus, mas a do mundo”.

### *X*

Novou na noite  
e sobre o seu espelho um lençol cobria  
de branco o que era branco e amanhecia.  
Da janela na manhã eu via a neve sobre os Andes  
e vi como pela metade as montanhas se repartem  
como um corpo vestido de seda e ainda nu.  
Entre pedras escuras de estranho estanho  
uma bandeira de paz ao vento aquece o Sul,  
o coração da terra e o das crianças.  
Se havia fadas aqui elas se foram  
e entre praças, ruas de terra e esquinas.  
a tarde chega mansa pela mão de três meninas.



## *X.*

“Lua” ou “Luna”?  
Como chamá-la, Borges  
nessa noite em que entre nuvens  
ela ora se mostra, ora se esfuma.  
Ela, que longe, não nos escuta  
e pelo céu se vai  
sem nome e pressa alguma.

## *XI.*

Dias foram aqueles  
quando sem-fim essas planuras se estendiam  
do extremo sul ao coração dos homens  
e a cavalo a vida se vivia.  
E entre ermos eram os homens os gaúchos  
e as distâncias entre estrelas se mediam.  
Martin Fierro entre o punhal e a guitarra  
viajava sem rumo e se perdia.  
E perdido bebia e porfiava.

O Cruzeiro do Sul apontava o fim-do-mundo  
e antes dele, se dizia, era o deserto.  
Ali viveram os que se foram silenciados  
e, esquecidos de quem forram, lá se iam.  
E agora apenas as almas de seus rostos  
recordam mitos quando acaba o dia.

## *XII.*

Vi alguns montes nos Alpes.  
Eram de sete cores  
e erva alguma nascia ali.  
Eram, como em Neruda,  
a pura substância mineral.  
E um era verde. Era verde  
como a esmeralda é verde  
quando é sem brilho ainda.  
Como o cobre, quando o cobre é verde  
Sem vida alguma era o monte verde.  
E, entanto, era verde como em Lorca.  
Como é verde a vida quando é verde.

## *XIII.*

Seu passo não quebrou o silêncio  
e o pássaro que cantava canta ainda.  
Havia neve e pisava suave  
como quem ainda longe já chegasse.  
Era, como o poncho escuro, a pele  
cor de terra, e tinha sulcos  
como se a mão da vida arasse o rosto.

Tirou do corpo a lã, e lento, lento  
como quem da tarde nada espera. Nada.  
tomou da *caña* um trago, um trago só,  
e se foi. E sob o sol do dia semeara o campo.  
Senhor da vida e doador dos dons da terra  
ele se foi. E a luz da lua o iluminava.

*San Miguel*

#### *XIV.*

Comia com as mãos um peixe frito.  
Depois os dedos ele secou na roupa  
com gestos de quem chegou da guerra.  
Não pensou em ler o jornal de anteontem  
(lia pouco, como quem pensa em outra língua).  
Do futebol já sabia um dois a zero  
e o mais eram assuntos de esquecer.

Saiu da sala como quem completa um rito.  
Sua história, comum demais e repartida  
entre outros que, iguais, fumam o cigarro.  
No entanto, ele nos faz a cada dia  
entre gestos que são missa e são romance  
de batalhas e memórias. De poesia.

#### *XV.*

Eram negros os da noite  
e entre escuros gestos se tocavam.  
Os corpos cor de cobre, estrume e terra  
e os ponchos gastos e sujos de suor e tempo.  
Acostumados os olhos a olhar o longe  
não se olhavam e, no entanto, procuravam  
algo de vultos, de almas, de fantasmas  
dos que se foram vergados sobre arados.

Criadores de llamas e de ovelhas  
vagavam como quem chegasse tarde.  
Os olhos vagos, os corpos como ausentes  
como quem se desculpa por estar.  
E vieram de milhas entre trilhas  
que quase cumes de neve eles tocavam.  
E das estrelas suas mãos sabiam.

## *XVI.*

A mão por um instante ancorada  
no vão da terra de dezembro  
ensaiava deixar ali uma semente  
no sulco onde a vida acolhe o orvalho.  
A lua nova banhará de luz  
um meio alqueire de um trigo antigo.

Com as costas da mão direita  
ele secava da testa três gotas de suor.  
Caídas no chão fecundariam a terra?  
De longe qual estrela assistiria  
aquele pequeno milagre de outro dia  
em um canto tão assim do Cosmos?

Do rio um vento sopra. Sopra um vento  
e ele recolhe do chão o que são sobras,  
repõe nos ombros a enxada gasta  
e volta à casa, um raro mago  
que a passo lento retorna ao rancho  
como quem sonha um cigarro e a sopa quente.

*XVII.*

Perdeu dos ouvidos o ar do som  
mas não a música que carrega dentro.  
Entre brados, punhos e torturas  
arrancaram dele todos os ruídos,  
mas não os saberes e sentidos.  
Faziam perguntas e perguntas.  
Não disse nada. Sofreu calado.  
Os que o ensurdeceram se calaram  
entre mortos, loucos e esquecidos.

E ele está aqui:  
Nano  
Irmão  
Humano.  
E agora fala  
e nós o escutamos.  
E nos fala do que sentimos  
e acreditamos  
E desde seus silêncios e palavras  
nós o ouvimos,  
calamos  
e aprendemos.  
*Nano Bravo*

*Escritos na Argentina entre 12 e 23 de outubro.  
Reescritos em Passo Fundo,  
entre 3 e 8 de novembro de 2016.*



## *três poemas com a palavra “vento”*

### *Como o vento as palavras vem*

Escrevo. E ouço me dizerem as palavras  
que nada do que está escrito aqui é meu.  
As palavras me tomam nessa noite.  
Como as sementes de um pé de amoras  
elas me chegam de longe com o vento.  
As palavras que eu digo, que eu escrevo,  
não são minhas letras e palavras  
e nem as frases e ideias que penso serem minhas.  
Elas me chegam, brotam na terra de que sou,  
como a planta semeada se desvela.  
Nada do que está escrito aqui é meu.  
Nada do que escrevi a vida inteira foi meu.  
As palavras que dizemos e as que ouvimos  
não são nossas em momento algum  
e se ilude aquele que escreve e pensa: “isto é meu!”.  
Elas chegam com o vento, como o vento.  
Vêm de longe, de um onde não sabemos,  
e por outros rostos foram ditas e em outras vozes  
sob a sombra de outras árvores e outros frutos.  
E outros ouvidos as ouviram em outras línguas.  
Um vento de passagem as recolheu, um vento  
como o que agora venta aqui. Vem e escuta!  
Em outra noite como agora, em um lugar distante  
um outro vento as recolheu nos braços, safra de letras.  
e as palavras que pensamos nossas, vieram nele.  
Terão cruzado o calor de algum deserto.  
e povos beduínos as terão ouvido antes de nós  
as palavras que cantaram e não são nossas.  
Terão atravessado um mar, um oceano,  
guiadas talvez por uma estrela  
que de longe traduziu letras, palavras  
e as entoou antes de nós, bem antes.

E com o vento chegaram aqui as palavras  
e por um instante, durante um breve tempo  
do passar do sopro de um vento errante  
elas me habitam como quem, cansado  
encontra uma tenda ou a sombra de outra árvore.  
Um momento efêmero, porque logo tomam alento  
e em um outro vento viajam... vão embora  
e pousam em um lugar longe, de outras línguas.  
E passaram por nós, e as ouvimos e falamos,  
e algumas vezes as retemos num papel  
imaginando sair de nós o que apenas nos visita.  
E aqui ficamos enquanto elas nos deixam.  
E o que chamamos, sem saber, “silêncio”  
é apenas o seu ir embora e nos deixar  
até que outro vento passe e em nós ressoe  
um poema, um pensar, uma canção.  
Palavras que repousam em nós o seu minuto.  
Em nós que sonhamos que ouvimos  
Vindo dos rios de nosso corpo o que flui no tempo,  
em sabermos que aquele que escreve  
é apenas um alguém um pouco mais atento ao vento.  
Ele escreve as palavras que o possuem,  
mas quem? Quem decifra a voz do vento?

*era uma tarde, o vento*

Era uma tarde e era quase a noite,  
no horizonte houve um traço de Van Gogh:  
um tom de laranja e um outro cor de barro.  
E eu sonhava ir indo por ali, sozinho.  
Como quem deixa as uvas e colhe o vento.  
A noite veio vindo como quem a pé  
e acendeu entre a Lua e o Cruzeiro  
um carreiro de velas. E pareceu até  
que o breu da noite clareia mais que o dia  
por um instante que fosse, um momento.  
E sobre o manto do mar Órion molha as mãos  
e quem neste voo vela a noite como eu,  
desperto e aceso, se espanta e se pergunta:  
para onde foi o que da tarde havia?  
E quem chegou e quando? Vindo de onde?  
Trazido de qual nuvem? De qual vento?  
De que lugar que longe há, e eu não sabia?



*o berrante, o vento*

Ouves este som? Pensas que é o vento?  
Ouve de novo! Escuta e vê. Não venta.  
E na volta da estrada é um som dolente  
quem trás até aqui três notas de um berrante.  
Alguém que não o vento o sopra. Ouves? Quem?  
É um boiadeiro quem canta e, como o vento  
fala a ele e aos bois, e a nós e a deus,  
e a todos embala como se fosse um berço  
o sertão que entanto é pedra e fogo aceso.

Berrante, o artefato de sopro mais humilde  
e o som mais igual ao Om de Krishina.  
O mais deserdado sopro, o mais sem arte.  
Não há lugar para ele entre violas  
e sanfonas e tambores das folias  
e dos bailes que embalam alegrias  
entre um dia vinte e cinco e um dia seis.  
Ele sonha ser apenas um mugido,  
um como o vento que de um chifre sai,  
pois é ao gado que viaja que ele fala.  
Não o ouves? E pensas que é o vento.  
tu que vens de longe e aqui te esqueces.  
Escuta, como em missa, como em prece.  
Pastor de bois, o boiadeiro quando sopra  
O berrante que o gado ouve e sente,  
é um pouco como deus, senhor do vento.

*não nada ninguém*  
*pensamento zen*

De lugar nenhum de repente vinha  
quem ali não houve e nem havia.  
Chegou como quem vindo não chegava,  
ou como quem, chegando, tardava ainda  
e num chão que não havia se assentava.  
O que disse não foi palavra alguma  
mas quem nada não ouvia, compreendia.  
Ensinava em silêncio e emudecia  
o saber que ele tinha e esquecia.

Um pássaro cantou, ali e longe,  
e em silêncio ele ouviu o que dizia  
o passarinho que voou e lá se ia  
entre ventos e voos de outro dia.

E então ele calou e falou isso:  
*O que eu ia dizer a ave disse*  
*e mais saber ela tinha, que eu não tinha!*  
E na maleta guardou o que trazia:  
Folhas em branco sem nada ali escrito,  
papeis de silenciosa sabedoria.

E abriu a porta e se foi, e ele partiu,  
e tomou a mesma estrada de onde vinha,  
que era sem fim e pra tão longe ia  
que lá onde de tão longe se findava,  
onde ninguém chegava... e não havia nada.

## *Mendoza*

Aqui o seco resseca  
o que era seco  
e o vento varre a areia  
e rói os Andes  
com ares trazidos  
de outros céus.  
Enquanto ao alto  
vela a lua  
e o vinho envelhece  
nos tonéis.

*Mendoza, na Argentina  
2018*

*o clarão da noite no sertão do Rio São Francisco*

Vindo cedo a noite agora, veja:  
quem veio acompanhando ela?  
Quem veio ver o seu clarão de luzes  
penduradas no espelho da janela?

Cobre de cobre a tela das estrelas,  
a noite e as suas cores de aquarela.  
E quem olhar atento o céu do chão  
verá que nele a cor do claro se desvela

Como o laranja do pano da flanela.  
E brilha o vaga-lume desta noite  
e como é noite sem lua e sem estrelas  
brilha da luz que sai de dentro dela.

Na noite de chão claro um arco-íris  
colore de cores o branco de uma tela,  
e quem espia o rosto do sol posto  
verá que há bem mais cores que o amarelo.

O sertão do São Francisco é todo luz  
como a água clara no fundo da gamela.  
Como a criança que ri do que era sério  
e alegre o mundo com a alegria dela.

O chão de maio é um saco de quirela  
que, aberto, derramou milhões de luzes,  
como as da roupa de um palhaço velho  
esperando o teu olhar pousado nela.

Como a mulher que de branco cobre a mesa  
e em cima do branco acende a vela.  
E é noite e ela espera quem não vem  
e deixa a vela acesa enquanto vela.

E a noite clara clareia o chão da noite  
como a roupa de uma noiva de novela.  
Mesmo sem a lua a noite se rebrilha  
e até o ipê roxo de tão roxo se amarela

Veio a noite e você não veio nela  
Ah! Lua clara, clarão da clara noite!  
E hoje o céu veste nuvens cor de nuvem,  
E eu sei que você brilha acima delas.

*Pirapora, beiras do São Francisco*

### *inventário*

Seco, sem ares e vivo de vida  
o que é igual ao que não era azula  
e no escuro do escuro do que existe  
cresce no altar do tempo a ara do tempo  
e sobre o solo da alma a água apruma  
o seu se ir de rio em rio caminho afora  
como essas águas de maio no sertão.

E é tarde e chove e cai um raio, e um outro  
acende o céu e o céu aclara a noite clara  
e é cada estrela como a espera de outra  
e o sol da luz lembra ao olhar do homem  
que uma vela só clareia o mundo inteiro.

### *Há horas como esta*

Um grão da chuva na folha caída, no outono.  
Na folha seca caída um maio inteiro adormece.  
Há horas como esta em que tudo alimenta a alma  
que caminha como se pudesse ver no vento  
o rosto de algum ser de mito e de magia.  
Sobre o galho de um Angelim e não em uma nuvem  
um anjo quando dorme e esquece por um instante  
ser eterno e como o homem, sonha.  
E ébrio do sonho deste instante, sonha ser humano.

*Na folha final do livro El bosque transparente  
de Angel Crespo  
Voo de São Paulo a Madrid em 1999*

*a tarde, a noite*

Escuta: os tardos bois da tarde  
amanham grãos de março  
e sobre um monte onde há vozes  
voam três aves e anoitece.  
O escuro cai e faz um frio.  
Troveja longe e um raio rasga um véu  
feito de orvalho e sonhos de menino.  
Há uma lembrança ontem esquecida  
de ser lembrada para sempre nesta noite,  
e sobre o corpo do campo  
algo de um rosto antigo paira  
como a pesada pessoa de um morto.

A foice cortava anteontem  
o que não era prado e nem festa  
no alqueire verde do chão.  
Não há um sino que redobre  
nesses ermos de sertão.  
Mas às seis horas da tarde  
algumas mulheres velhas  
cessam ofícios de forno e de fogão  
e abraçam não sei que nome  
como o de um filho ou de um deus.  
A noite cai por onde quer  
e para florirem os pés de ipês  
com a cor de alma e a cor da sombra  
a lua e as estrelas hoje esperam  
fogões apagados, cinzas, cinzas  
e o morno sono das chaminés.

*Pretos de Baixo*  
*Joanópolis*  
*fevereiro de 1993*

*do chão*

Como se fosse um outro rio,  
como se um riacho fosse  
um homem quando vive, viaja.  
Invisível ao olhar dos outros  
ele navega as suas próprias águas  
e de onde volta e até onde vai  
ele deságua sempre, como um rio  
que se acaba quando o seu rio  
deságua em um outro rio.  
Um outro longo e vagaroso rio.



## *O sonho do outro*<sup>9</sup>

*um*

Com quem mesmo é que sonhava  
o homem que eu vi em meu sonho  
quando deitado e dormindo  
dentro do sono eu sonhava?

E eu dormindo sonhava  
um sonho longo e estranho.  
Um sonho sem cara e nome  
de quem sonha adormecido  
dentro de um sono pesado,  
e depois de amanhecido  
após esfregar os olhos  
ainda sonha acordado.

O que foi que aconteceu?  
O que terá sucedido  
no sonho dele e no meu?  
Nunca eu soube o nome dele  
e se era um estranho ou amigo!

Será que eu caí no sono  
pra sonhar o sonho dele?  
Será que eu sonhei com ele,  
pra ele sonhar comigo?

---

<sup>9</sup> Existe uma pequena história do Budismo Zen, do Japão, que narra o seguinte. Um monge dormiu profundamente. E no seu sono ele sonhou que era uma borboleta. E acordou. E quando saiu do sono e do sonho, ele não sabia mais se era um monge que sonhou que era uma borboleta, ou se era uma borboleta que sonhou que era um monge. Eu fiquei muito impressionado com essa estória. E então escrevi alguns poemas pequenos sobre um sonho dentro do outro e sobre alguém sonhando com alguém que sonha com alguém.

Estes poemas com perguntas foram originalmente escritos para um livro de poemas para jovens e para crianças, eternas perguntadoras. Mas resolvi colocá-los aqui, porque creio que mesmo sem a sensibilidade e a sabedoria de uma criança, pessoas adultas e, sobretudo, mais “veteranas”, como eu, talvez se façam as mesmas perguntas. Sonhando ou não

### *dois*

Eu sonhei  
que me sonhava um dia.  
E no sonho sonhava que existia  
um outro alguém sonhando  
um sonho sem palavras sobre mim.  
E ele me sabia e me lembrava  
o que antes sonhando eu recordava  
e depois, acordado eu esquecia.

Eu dormia e dormindo  
ele sonhava o sonho que eu sonhei  
até quando veio a hora (sempre agora!)  
em que de dentro sono  
em que eu sonhava  
eu acordando acordava...  
e me acordei.

E então vi no sonho que eu assistia  
o que agora acordado eu revivia.  
Mas tudo o que no sonho eu relembrava  
do que ele no sonho me contava,  
agora, acordado... eu esquecia.

### *três*

Sonhei que sonhava  
um sonho estranho  
que só se sonha  
quando o sono acaba.  
Sonhei que dormindo  
alguém me sonha  
e no sonho que me sonha  
eu sonho o sonho  
de um alguém  
que sonhando  
me sonhava.

*quatro*

Se eu soubesse  
que sonhando te acordava  
do sonho em que me sonhas  
noite adentro,  
(ah, sonho de meu rosto  
e meu retrato!)  
eu me sonhava  
o que era a minha vida  
e o meu passado,  
e a poeira que deixei  
no chão da estrada.

A viagem que fui.  
A luz, a sombra.  
Os meus guardados  
de canto e de segredo.  
Minha glória, pouca,  
O meu degredo.

Tudo o que fui  
e lembro quando sonho.  
Tudo o que lembro  
e esqueço... acordado.

*cinco*

Quando eu durmo e sonho  
o homem que aparece  
no meu sonho... sonha?  
E eu? Eu sou eu mesmo  
ou eu sou somente o sonho  
de um outro homem com sono  
que quando dorme me sonha?

E quem é mesmo que sonha  
o sonho onde dorme e sonha  
o homem que a mim me sonha?  
Será que sou eu, com sono,  
que quando adormece sonha  
o sonho onde dorme e sonha  
o homem que a mim me sonha?

E quando eu acordo  
aonde está e o que foi feito  
do homem que eu sonhava  
que adormecido me sonha?

### *seis*

Sonhei que eu era ontem  
e não havia em mim  
lugar algum que fosse eu.  
Trouxe nas mãos  
que me emprestaram  
o que sobrou de um ontem  
que nem houve. E assim  
não sei o que me sonha  
quando acordo.  
E então nada esqueci  
do que não sei.  
E não sei se eu chamo  
Sentimento,  
isso que eu sinto agora  
e, como eu, vem de longe  
e pra mais longe ainda  
passa... e vai com o vento.

### *sete*

Sonho o esquecido.  
Em mim viaja  
o voar do vento  
quando o vento venta.  
Sonho o que não sei  
e adormecido  
o sonho inventa.

Acordo e esqueço  
o que sonhei.  
E me pergunto aqui  
se sou quando acordado,  
ou quando sonho  
o sonho que esqueci.

*vida... vida?*

Do acaso inesperado  
surge a espera  
de que coisa alguma  
aconteça agora.  
Nada existe dentro  
e não há nada fora  
e verão algum vem  
depois da primavera.

Meu coração nem sente  
Não sabe e nem decora  
o abecedário do Carlos  
que eu ontem fui.  
Ele sonha o que eu não sei  
e eu sonho vida afora  
com um lago que eu sou  
e hoje é um rio... e flui.

Vida é o que eu vivi?  
E noes fora... nada?  
E é dela que eu lembro  
quando acordo e esqueço?  
E é na noite escura  
a hora em que amanheço?  
E a casa em que moro  
de novo a mesma estrada?

*Em algum lugar longe de casa  
Onde? Quando?*

